

APRESENTAÇÃO

A literatura é uma forma de espanto, uma fenda pela qual olhamos o mundo na procura de sentido. Escreveu Aristóteles na *Metafísica*: “Ora bem, quem se sente perplexo e espantado reconhece que não sabe (daí que o amante do mito (philómythos) seja, a sua maneira, "amante da sabedoria" (philósophos): já que o mito se compõe de espantos” [1]. A mitologia engendrou a filosofia como o caos engendrou a noite. “Por isso”, escreveu Eduardo Lourenço, “o discurso é tão pálido em face dos mitos” [2].

Após o banimento dos poetas da *República* platônica, a poesia restou na periferia do pensamento ocidental, se nutrindo dessa marginalidade para aprofundar no ser desde um outro olhar. Séculos mais tarde, Heidegger apontará, em *Carta Sobre o Humanismo*, que “a libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais original está reservado como tarefa para o pensar e o poetizar” [3].

A poesia, aqui, é entendida num sentido extenso, como poiesis, no passo da não existência ao ser num movimento que supõe um colapso do sentido literal, uma linha de fuga ao uso quotidiano da linguagem, apropriando-nos do argumento de Paul Ricoeur sobre o funcionamento dos processos metafóricos. “A verdade é um exército móbil de metáforas, metonímias e antropomorfismos” [4], dirá Nietzsche em *Sobre Verdade e Mentira em Sentido Extra-Moral*. A literatura é assim uma abertura à verdade.

Assistimos, neste número da revista *Estação Literária*, a uma série de fendas fundadas nesse espaço essencial mais original entre literatura e filosofia que olham as letras na procura de sentido. Assim, o primeiro artigo, de Thiago Souza, analisa as estratégias discursivas e conceituais empregadas por Clemente de Alexandria (150-215) em sua abordagem do patrimônio poético grego. A seguir, Fernanda Korovsky Moura, com base nas ideias de Octavio Paz sobre o amor, o erotismo e poesia, expõe no seu texto que Wilde é um amante, e, acima de tudo, seu poema “O Jardim de Eros” é uma declaração de amor à arte da poesia. Na continuação, Jorge Henrique Romero procura compreender e tematizar, tomando como objeto de análise um poema de Patativa do Assaré, intitulado “Ingém de ferro”, o impacto que as profundas transformações técnicas, sociais e culturais do século XX tiveram no pensamento filosófico de pensadores como Benjamin, Debord e Agamben.

Nos textos a seguir, Antônio Máximo Ferraz trata, por um lado, da questão do pacto em *Grande Sertão: Veredas* e parte da ideia de que as questões da existência do diabo e da possibilidade do pacto são as grandes dúvidas que vigoram na obra do autor mineiro, fatos que se desvelam responsáveis pela problemática central do romance. Por outro lado, Letícia Moraes Lima, também tomando Guimarães Rosa

como objeto de estudo, parte da morte, considerada um momento limítrofe para a existência humana no contexto ocidental, para verificar como se apresenta sob uma espécie de encantamento na narrativa do escritor.

Otávio Guimarães Tavares estuda, no texto seguinte, a compreensão da obra de Ingarden marcando esta não por um viés epistemológico, como prega Husserl a partir das *Ideias*, mas por um viés ontológico, ainda tributário a escola de Göttingen, assim mapeando as consequências desta visada para a compreensão da obra de arte literária. Gabriel Both Borella e Maurício Cesar Menon, pela sua vez, estudam as fronteiras entre o cômico e o insólito a partir da análise do conto “Belfagor” de Nicolau Maquiavel e Maurício Fernando Pitta propõe uma análise da noção de jogo (Spiel) da quadratura como constituinte da relação homem-mundo a partir do encontro da filosofia de Martin Heidegger com a literatura fantástica de Jorge Luis Borges.

Na continuação, Otávio Augusto Oliveira Moraes toma como objeto em estudo o romance contemporâneo *A tradutora*, do escritor catarinense Cristovão Tezza, para propor uma retomada da discussão desenvolvida pelo jovem Lukács sobre a questão da modernidade, em sua relação visceral com a forma romance. Willian André Correio se adentra no surgimento e desenvolvimento do conceito de suicídio desde uma perspectiva filosófica e literária.

Leila de Almeida Barros procura, por meio das principais reflexões expostas por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), tornar visível como a angústia que habita em maior ou menor grau a família Bundren, do romance *Enquanto Agonizo* (1930) de William Faulkner, auxilia na compreensão do sentido do ser. E, fechando o número, José Veranildo Lopes da Costa Júnior e Roniê Rodrigues da Silva propõem relacionar as representações do “corpo trava” e do corpo “criança viada”, que aparecem em a canção *Mulher* (2017), de Mc Linn da Quebrada, e uma pintura que compõe o projeto *Criança Viada* (2017), de Bia Leite, às noções de Rizoma e Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari.

Todo philómythos é, à sua maneira, um philósophos, é um enunciado que corre nos dois sentidos. Porém, pensar com a literatura não é a mesma coisa que pensar a literatura. Esperamos que os artigos do dossiê suscitem o interesse e o debate sobre as possibilidades e os limites dessa relação essencial mais original, nessa “noite onde as estrelas mentem luz” [5].

Diego Giménez
Universidade Estadual de Londrina

[1] Aristóteles. *Metafísica*. Madrid: Gredos. 1994. Pp 76-77.

[2] Lourenço, Eduardo. *Obras Completas: III Tempo e Poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2016. P. 233.

- [3] Heidegger, M. *Cartas Sobre o Humanismo*. São Paulo: Centauro Editora. 2005. P. 9.
- [4] Nietzsche, Friedrich. "Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral", em *Antologia de Textos Filosóficos*. Paraná: Marçal, J. (org.), SEED. 2009 (pp. 530 - 541).
- [5] Pessoa, F. *Livro do Desassossego*. Vol.I. Lisboa: Ática, 1982. p. 170.